

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, Gonçalves Dias n. 67, 1º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 27 DE JANEIRO DE 1894

EXPEDIENTE:

Assinatura annual . . .	12\$000
" semestral . . .	7\$000
Numero avulso . . .	\$200
" atrazado . . .	\$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, afim de que não lhes seja suspensa a remessa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito ao livro BRIC-À-BRAC, de Valentim Magalhães.

SUMMARY.—Historia dos sete dias—José do Egypto; O romance brasileiro: O Missionario—Araripé Junior; A Musa, soneto—Sílvia Ramos; A mãe de Ricardo—Gastão Housquet; Trio Faceto—S. R.; Gazetilha litteraria, Coração triste, poesia, —Luiz Rosa; Cartas á minha irmã—J. Vicente Sobrinho; Verão, soneto—M. R. Cepellos; Theatros—P. Talma; Emma, soneto—Circ.; Factos e Noticias; Collaboração; Quadro intimo—Ignez Sabino; Recados e Respostas—O. Sabeludo; Correio—Enrico; Tratos á buca—Frei Antonio.

Historia dos sete dias

Mudámo-nos.

Mudámo-nos de um segundo andar da rua dos Ourives para um primeiro da de Gonçalves Dias e do n. 71 para o n. 67.

Descemos, quer de andar quer de numeração. Mas, descendo, subimos.

Nesta terra não póde haver nada que prospere e floresça num pavimento que não seja o primeiro ou unico — com excepção dos cravos e da malva-maçã.

Cientes, constituintes ou assignantes preferem procurar outro medico e advogado e não assignar a folha, a subirem algumas duzias de degraus; (e nós lá tinhamos mais de quatro duzias!)

Só credores se resignam a isso. Mas, coltados, esses andam atraz do seu di-nheiro e para enconral-o sujeitam-se até a descer ao inferno, como Orpheo, em busca de sua dama.

Para uma redacção é até util morar num quarto ou quinto andar, não só para ver as questões de bem alto, com vistas largas, como para que os redactores fiquem altamente collocados.

Mas o publico é que não quer subir tanto, nem tanto nem nada.

O povo é commodista e escravo de seus habitos. O nosso, sobretudo. Acredito que o seculo vindouro lhe trará os melhoramentos que elle requer para ser completamente feliz.

Além do telephone, que o approxima de muita gente pelo ouvido, e de outros

apparelhos em que o Sr. Edison trabalha e que hão de approximal-o pela vista, o brasileiro ha de ter em casa, encanados — ar fresco, leite gelado, fumo, noticias, lições, partidas de xadrez e gamão — talvez mesmo a roleta! — o serviço da secretaria, as intrigas do bairro, a roupa lavada e engommada, as discussões parlamentares, as representações theatraes, o "sport," a missa, o "interview," a litteratura, a politica, o amor e o bombardeio.

Será a idade de ouro. Viver sem andar nem subir. A civilisação a toda hora ao alcance da mão, sem sahir de casa nem do "robe de chambre."

Sempre que lá no segundo da rua dos Ourives apparecia alguém a assignar a folha ou a comprar-lhe um exemplar, esse raro animal era tratado pelo gerente com ternura, por mim com espanto.

Eu o contemplava, mirava, remirava. Pensei até em photographar esses heróes para remettel-os á admiração dos posteros, mas a gerencia oppoz-se, allegando frivolas razões economicas.

Agora, a cousa é outra. Estamos num primeiro andar, quasi na rua, a metter a folha pelos olhos dos transeuntes. D'essa altura o panorama que se desfructa é encantador, além de grandioso. Descortina-se o interior das lojas e quasi o das algebralas dos que passam.

Outra vantagem é que alguns d'elles vêm á redacção de um pulo, chamados da janella, e, como o patrão tem o escritorio de advocacia na sala da frente, elles tanto parecem assignantes como constituintes. O paraíso!



Momo vem perto. Já se lhe ouvem tiliantar os guizos.

O Baptista já postou ás janellas os seus manipaños mascarados, que olham, curvos para a rua, estupidamente, com uma sinistra fixidez, os batalhões que desfiam.

Nada mais agradável aos bofes de um nevropatha fim de seculo que esta mistura da insania com a morte; que ver guizalharem ao roupas multicores de Arlequin ao vento da guerra e estremecerem as carrancas de papelão ao ribombo dos tiros.

Já me fez saber um diario que o carnavaal será adiado, porque com estado de sitio não póde haver carnavaal. Não chego a comprehender as subtis razões que o impeçam.

O estado de sitio é a suspensão da Constituição. Mas para louquejar não se precisa de garantias. A Folia dispensa a Constitulção. O peor que poderia acontecer ao cidadão era ir dormir no xadrez — de dominó, ou entrar no presidio da Conceição em camisola, com um az de copas na fralda, sem falar na risonha perspectiva de ser espatifado por uma granada em meio aos pinchos do cancan,

de taça em punho. Sangue e vinho — é um "cocktail" historico, que vem da Biblia e que tem feito heróes. Porque recusal-o a este pobre povo de desfibrados e anemlicos?

Vamos! que o trovejar das fortalezas e dos navios, tanto da Legalidade como da Revolta, se misturem aos ribombos dos zabumbos e que ao mar em fogo, estrugindo, responda a cidade em pangeda: "Zé Pereira!"

A grande figura ridente e obesa de Momo, escarranchado com o bom padre Linco na pipa tradicional, dirijam-se os foliões, sob o cruzar das balas, e exclamem com entusiasmo, atravez das mascaras: "Ave, Cesar! Morituri te salutant!"



Houve dois acontecimentos na semana: o "Pum!" no theatro Apollo e o poeta B. Lopes na "Gazeta de Noticias."

O primeiro é uma fabrica de gargalhadas, o segundo é um fabricante de delicias.

No "Pum!" a veia comica do Garrido e do Arthur correo, espumejou e scintillou á vontade.

Ha pilherias alli de uma graça enorme. Não contarel nenhuma. O leitor que vá ao Apollo regalar-se com ellas.

Venhamos ao Sr. B. Lopes. A "Gazeta" contractou este gaturamo para vir trinlar-lhe na ramaria, ás segundas. B. Lopes é o poeta das elegancias, dos refinamentos mundanos.

Todo elle é condessas louras, marquezinhas languidas, caçadas fidalgas, pescarias nobres, convescotes finos de champagne e truffas, "boudoirs" capitosos com amantes amollentadas de calma, chupando cigarrilhas aromadas; todo elle é braços e beljos, rendas e cambraias, suspiros e minuetes.

E' no Brasil o "pendant" do Papança; pelo que bem podemos chamal-o — o Mamata.

Não o conheço pessoalmente; mas imagino-o — e commigo quantas leltoras, mais ou menos duquezas! — Imagino-o um louro mancebo, formoso como Zanetto e guapo como Fabiano Fabiani, vestido a Luiz XV, de rendas de Inglaterra e velludos de Utrecht, perfumado a feno fresco, de unhas nacaradas e dentes admiraveis, habitando um castello torriculado, em que se aninham aguias, no alto da Tijuca, e crescendo com penna de cysne, ao som de um quinteto de cordas, regido pelo Cernicchiaro.

Será elle assim? Deus o permita, para gloria das lettras patrias e das nossas duquezas, mais ou menos leltoras.

Pois bem; segunda-felra passada fez elle a sua estreia na copa da "Gazeta," desafiando algumas "rimas" ricas e no-

bres. São treze quadrinhas, deliciosas de leves, de distincção, de graça patricia. Vejam só:

"Aqui. Armemos a tenda
"Em que ha de pousar a graça;
"—Cinco ou seis nesgas de cassa.
"—Toda beirada de renda.

O peor é que o poeta, versos adiante, arromba a fina cassa da tenda:

"D'onde olhando por um rombo..."

e para que arromba elle a fina cassa, como se fosse uma parede? Para contemplar

"A gloria que no mormaço
"Deixa a plumagem de um pombo.

E por ahi vae, diaphano e irisado como phalena maravilhosa, até exclamar:

"E, rubra, sobre a barraca,
"Grite uma flammula solta
"De liberdade e revolta
"Como uma lingoa polaca.

E' lindo, é cantante, é "exquis"; mas confesso que não pude comprehender que necessidade teve o poeta de fazer polaca a lingoa de que precisou para dar ideia da "flammula solta."

Serão as linguas polacas mais vermelhas e compridas que as romaicas, as persas, as chinezas, as norueguesas, as nubianas, as gregas, ou mesmo as francezas?

Não me consta. E como chegaria o poeta a essa convicção? Só se foi mandando todos os povos deitar a lingua de fóra.

Era muito mais simples ter recorrido para o desejado effeito da imagem á lingoa de vacca, que ainda é a lingoa mais comprida e rosada que se conhece. E note-se que, além da maior propriedade da imagem, a substituição da lingoa polaca pela de vacca nem alterava a rima. Ora verifiquem:

"E, rubra, sobre a barraca,
"Grite uma flammula solta
"De liberdade e revolta,
"Como uma lingoa de vacca.

Perfeito, não é?

Mas, aparte essa questão de lingoa, em que o poeta deve ser autoridade, não ha nas suas "Rimas" senão finas bellezas e preciosas raridades de arte.

Parabens á mesma.

JOSÉ DO EGYPTO.

ROMANCE BRASILEIRO

O MISSIONARIO—Romance por L. Dolzani (Dr. H. M. Inglez de Souza). 1891.

III

Em Silves não havia ainda imprensa; isto, porém, não foi razão para que Xico Fidencio desamorçoasse.

"Um dia, lembrara-se de escrever uma "correspondencia" para uma folha de Manãos, a proposito da ultima sessão do jury, e dissera umas coisas agradaveis ao juiz de direito, que lhe valeram a proposta para adjuncto do promotor publico. E, satisfeito com o resultado obtido, puzera-se em activa correspondencia com o jornal de Manãos, o DEMOCRATA, "orgam politico, noticioso, commercial, scientifico e independente," que lhe estampara a prosa, contente por ter materia nova com que encher as columnas da obrigação. As cartas de Xico Fidencio não seriam talvez muito lidas na capital da provincia, mas em Silves eram devoradas avidamente, commentadas, discutidas durante quinze

dias a fio. O seu estylo tinha umas vezes o sarcasmo ferino da conversação ordinaria, e outras, quando o Xico calçava as suas tamancas de jornalista grave e queria discutir um assumpto com a seriedade necessaria, subia aos phraseados sonoros, recheiados de declamações bombasticas, de trechos de bons autores, de citações novas, com muita erudição de ideias e palavras, bebidas aqui e ali, na leitura de periodicos e pamphletos.

"E eram esses artigos, de que mais se orgulhava, que reputava melhores, que lia e relia aos amigos, chamando-lhes a attenção para o phraseado cheio, para as referencias sabias e o rebuscado do estylo, os mais raros e os menos apreciados. O publico, ignorante e grosseiro, preferia as pilherias e as criticas mordazes, que iam subindo de tom até o diapásão da descompostura, degenerando em maledicencias e calumnias.

"Quando chegava o paquete e o DEMOCRATA apparecia, pequeno, massudo e mal impresso, coberto de "pasteis" e de falhas, como de uma lepra incuravel, toda gente queria saber se o "Constante leitor," o pseudonymo do Xico Fidencio, escrevera a sua carta, datada de Silves, com quem bolia, se desencava padre José ou o subdelegado, se falava na Luiza ou na dona Prudencia, se contava os novos amores do vigario, ou descobria as recentes ladroeiras do escrivão da policia.....

"O vigario vingava-se das correspondencias, fazendo-lhe uma guerra de morte. O collector, que era o homem mais importante do logar, não gostava d'elle, embora lhe tivesse medo. As mulheres eram-lhe hostis, não liam as suas cartas, não viam senão o homenzinho feio, que desrespeitava os santos e pregava heresias. Estranho á terra, sem ligações de familia na provincia, sem a tradição d'um passado qualquer que o protegesse, reconhecia-se fraco e dispunha-se a abandonar o campo, quando surgiu de chofre o segundo periodo da questão religiosa, ferida entre os bispos do Pará e de Olinda e a Maçonaria.

"A gente de Silves não tinha interesse algum na questão, mesmo porque o seu vigario, um pandego, valha a verdade, não se occupava muito de cousas da egreja. Mas o espirito de partido, muito vivo nas povoações pequenas, o amor da novidade, o instincto de contradicção e de lucta que divide os homens, mesmo desinteressados e indifferentes ao assumpto da discussão, fraccionaram a população em dous grupos. Um formara-se dos maçons, dos parentes dos maçons, dos inimigos pessoases do vigario e dos rapazes mais arduos e mais instruidos. O outro constituiria-se com os homens timoratos e pacificos, que, de preferencia ás innovações, queriam viver com os padres, acreditando, ou fazendo por acreditar, em tudo o que esses exploradores da humanidade dizem. Francisco Fidencio tornou-se naturalmente chefe do partido maçonico.

"A lucta, a falar a verdade, consistia unicamente em discussões fortes á porta do collector ou junto ao balcão do Costa e Silva, e na insistencia dos maçons em acompanhar as procissões e "Nossos Pães" de blandrau e tocha. Francisco Fidencio era irmão do Santissimo. A sua brilhante opa encarnada, que, por acinte, tinha na sala exposta a todas as vistas, apparecia em toda a parte. Padre José "bufava." Por fim tomara o pretexto de tão grande irreverencia para acabar com festas e pro-

cições que lhe davam muita massada; mas o melhor fóra que o correspondente do DEMOCRATA lucrara com a questão.

"Primeiro que tudo, dedicando as suas cartas ao assumpto da pendencia que dividia os espiritos, atacando o papa, os bispos, os padres todos e especialmente os Jesuitas, poupava os habitantes da villa, com excepção do vigario. Mereceu com esse procedimento que se corresse um véo sobre as criticas antigas, amortecendo os odlos dos offendidos. Não era mais o "escrevinhador insolente," que se occupava da vida privada de cidadãos conhecidos, achincalhando a reputação do capitão Fulano ou do negociante Sicrano.

"Passava a ser um escriptor preocupado de questões sociaes, um sujeito que zurzia os padres, uma especie de adversario platonico. Os padres que se defendessem! As antigas victimas rejubilavam-se descançadas, livres do temor, esforçando-se por fazer esquecer as descomposturas recebidas no DEMOCRATA. Eram agora ellas mesmas que chamavam a attenção publica para os artigos do professor, que commentavam indagando hypocritamente se seria verdade tudo aquillo que se dizia do padre José, alardeando indignação, exclamando que taes monstruosidades eram dignas de severo castigo.

"Francisco Fidencio contava á reacção do DEMOCRATA, por mludo, as pandegas collossaes do vigario, as aventuras nocturnas, as bambochatas em canôa, as orgias nas praias de arcia, ao tempo da desóva das tartarugas. Citava nomes, falava da Chica da outra banda, da mulherdo Viriato, da Luiza e até da D. Prudencia,—veladamente—"uma certa Imprudencia." Dizia que o vigario bebera o dinheiro da provincia com as mulatas, em vez de concertar a Matriz, que seduzia as beatas, que prostituia as confessadas, que era ministro de Barabás... q' diabo!

"Padre José ficava furioso. Ameaçava "quebrar as bitaculas áquelle safado," e calumniava-o, espalhando que Xico Fidencio fóra condemnado no Rio por gatuno e expulso do corpo de permanentes do Pará por máus costumes,—"peccados contra a natureza."

E' com este terribilissimo director da opinião de Silves que tem de se medir o novo parochio que figura como protogonista do romance e pelo qual se alvorça toda a população da villa, apenas se divulga a noticia da aproximação do paquete que o conduz.

Os primeiros capitulos do livro descrevem os preparativos para a recepção de padre Antonio de Moraes e a azafama do sacristão Macario, que fóra incumbido de arranjar-lhe conveniente aposentadoria. Ruas enfeitadas, repiques de sinos, girandolas de foguetes, multidão pelo caes, folhas de mangueira espalhadas pelo pavimento, arcos de murta: nada falta para dar á chegada auspiciosa do vigario o tom festivo dos grandes dias.

A villa acolhe o padre Antonio, pre-surosa; os catholicos rejubilam por terem agora em seu seio um cura d'almas moço, formoso e illustrado; o Fidencio vê-o passar, acompanhado do beaterio, e atrai-lhe de revez o riso hostil das inimidades systematicas e abstractas. O recém-chegado, entretanto, corre á igreja para fazer a oração do estylo; encontra-a devastada, sem paramentos, quasi em ruinas; e pezaroso recolhe-se ao silencio da sua habitação com as ingenuas curiosidades do novo e a op-

pressão da responsabilidade do futuro. Entregue nos seus pensamentos, o joven sacerdote reflecte na sua espinhosa missão, lança uma vista sobre o passado e a sua alma transfigura-se, retratando um dos typos mais românticos que a disciplina dos seminarios já conseguiu produzir plasmando um temperamento tropical.

Padre Antonio de Moraes não é, como apparenta, um asceta egual a tantos outros, um mystico de natureza, lapidado pela educação, petrificado pela disciplina e pela monita jesuitica. Ao contrario d'isto, elle apresenta todos os caracteres do detento de uma profissão, de um illudido por capricho de direcção.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa).

A MUSA

"Quem me deu fazer versos"... disseste,
Lendo uns versos que eu fiz, toscos e rudes...
Tu, que tens n'alma todas as virtudes,
Cuidas não ter aquelle dom celeste.

Não sabes que é um olhar que nos reveste
O cerebro de luz? como te illudes!
Se não hi dor que em risos tu não mudes,
Quantos poeminis de amor já não fizeste!

O que em nós vibra é a musa estremeçada:
Laura, Beatriz, Natércia, Margarida,
São ellas a poesia eterna... e quando

Arrebatado eu ergo, de repente,
Num canto enternecido a voz tremente,
Alma serena, estás em mim cantando!...

1886.

SILVA RAMOS.

A MÃE DE RICARDO

Já ao longe, voltando a esquina, desapparecera ha muito o caixão negro do infeliz Ricardo, todo coberto de cordões e cercado de povo, e ainda por toda a rua e em frente á casinha do voluntario os curiosos se ajuntavam com ares tristes, em pequenos grupos. De um lado e d'outro a casaria branca se desenrolava, janellas e portas fechadas, numa melancolia pungitiva de avenida de cemiterio ao cahir da tarde. Distantemente, um cão preso uivava.

Dentro, na pequenina casa de rotula, ha agora um largo silencio, depois da gritaria dilacerante das mulheres ao sahir do enterro. No lusco-fusco da alouva aberta vultos negros se agrupavam, mudos, em volta de Dona Rosa, a coitada! que de novo se deixara cahir sobre a estreita cama, suffocando os soluços no traveseiro ainda ensanguentado da cabeça do morto.

Como lhe trouxessem um caldo, vendendo a recusar-lo, teve de novo cada circunstante uma phrase banal de consolação. Dona Rosa nada ouvia. Quando porém o coronel Borges começou a falar com sua voz grossa e pousada, lembrando-lhe a patria e as mães que mandavam os filhos ao campo da batalha, perguntando-lhe se preferira ver o Ricardo desertar, corrido de infamia,—a pobre senhora num desabafo, magestosa na auréola de sua cabelleira grisalha em desordem, levantou o busto altivamente, num impeto, cravando no rosto do compadre os grandes olhos inundados d'agua:

—Preferira, sim! preferira vel-o desertar! Que me importava que toda a gente o achasse infame se eu o tinha vivo, perto de mim? Para mim nunca seria um infame, não! Odiado, injuriado, seria sempre o meu filho, o meu

querido filho, o meu unico filho, o meu unico amor. Maldita a hora em que elle, desprezando minhas lagrimas, doído de entusiasmo, foi alistar-se no batalhão patriótico. Ricardo foi um herói... Seu nome andará cheio de glorias de jornal em jornal, de bocca em bocca... Mas de que me vale tudo isto, a mim que nunca mais o terei? A patria... Que me importa a patria sem elle?

E apertando a cabeça entre as mãos, num tremor convulsivo:

—Mil vezes desertor! mil vezes coberto de vergonha! Não! não eram mães essas que mandavam os filhos para o campo da batalha... Essas não eram mães... Não! não creia que haja uma só mãe que não colloque a vida de seu filho acima da patria, acima do mundo, acima de tudo...

GASTÃO BOUSQUET.

(Do "SANGUE")

TRIO FACETO

Graças a reminiscencias de antiga bohemia, podemos hoje brindar os leitores d'A SEMANA com um interessante inedito, que, comquanto tenha uma parte de graça propriamente local, por se referir a typos de Lisboa, sobejalhe ainda muitissimo espirito para ser saboreado pelos amantes da boa chalaça emitida com singularissima arte.

Não commentaremos, para não estragarmos com a insulsez da nossa prosa a espontanea belleza da seguinte versalhada:

Numa noite de chuva e de novembro, tres
Menestrels sem coupé, sem guardasol inglez,
Sem amantes, sem ponche e mesmo sem dinheiro,
Tres menestrels: Leal, Jayme Victor, Junqueiro,
Sentados no Montanha á meia-noite e um quarto,
Em vez de irem dormir cada um no seu quarto,
Como um velho burguez adiposo e prudente,
Decidiram fazer o que faz toda a gente,
Uma cousa banal, um poema em trinta cantos,
Que faça adormecer á noite o Guerra Santos,
O Elias, o Cócó, o Theophilo, o Albuquerque,
Que todos por dez réis eu dou a quem m'os mereque.

Que havemos de fazer, ó Musa, em taes assados?
Deixa por um momento os pincaros alados,
O' Musa sensual, a libra por cabeça;
Talvez tu queiras mais—á noite é fria e espessa—
Em vez de viuho, tu, em vez d'esta zurrapa,
Uma cama de liho e um cobertor de papa.

Felta, como é de estylo, a invocação á Musa,
— Cerimonia gentil, tuas que já se não usa,—
Montemos todos tres o Pegaso da Aurora,
Nos frementes ilhaes entrecremos-lhe a espóra;
Amigos, eia sus! correr á redea larga,
E' bem leve o corcel e é bem ligeira a carga.
(Nota: nós todos tres pesados por inteiro,
Incluindo ainda mesmo o nariz do Junqueiro,
Pesaremos talvez, ó sarcasmo cruel,
O que pesa o nariz do Alherito Piueutel.)

(Neste ponto, os poetas, acreditando que a chuva cessou, resolvem):

Mas, como já parou da chuva o rijo açoite,
O poema ficará para amanhã á noite.

(Chegam á porta e observando que o aguacelro recrudescer, retrocedem):

Enganei-me, perdão, a chuva cae na rua,
E então, por conseguinte, o poema continúa.

Será bom começar por um assumpto largo:
A Guiomar Torrezão ou o oceano amargo,
A calva do Lobato, o ventre do Sampaio,
Gordo, obeso, brutal, como um sileno em maio,
O queixo do Luciano, o nariz do Pequeto,
O metro que Deus fez p'ra medir o infinito!

Que havemos de cantar? O Cosmos. Francamente,
E' um assumpto pequeno e reles, em que a gente
Se não pode guindar ás alturas do empyreo,
Oude orneia Vidal e onde floresce o lyrio.
Cosmos, Cosmos, que és tu, esphynges de granito,
Diante da qual eu, verme, implacavel medito
Trausino de terror?!

Cosmos! Cosmos! que és tu? E's tudo? és pouco?
E's a junça do brócol? és a harpa quebrada?
E's o Principio? o Fim? a Noite? a Causa? a Efecto?
Quer tu queiras quer não, ó Cosmos, tem paciencia!

Has de dizer quem és...
E's o Bombes o Mal? és a Luz? és a Treva?
Antro d'onde surgiu Miguel Angelo e Eva,
Satanaz e Moyses...

Tu has de pôr p'raqui a certidão de idade!
Já foste capitão? amanueuse? frade?
Enigma que o olhar do homem não abarca!
Já foste alguma vez cabeça de comarca?
Já foste forribo? já foste sacristão?
Não te me faças fino, ó Cosmos, diz-me então:
O que é que foste tu e onde é que tu moras.
Não 'stou p'ra te aturar. São já quasi tres horas,
E eu jurei d'esta vez não salír do Montanha
Sem saber quem tu és. Out'ora uma montanha
Parlu um rato, e nós, com a agudez do vinho,
Parlmos todos tres, tres montes, um ratinho:
Este poema.....

As reticencias puzeram-lh'as os creados do Montanha que, sem consideração pelos filhos das musas, os vieram advertir de que eram horas de fechar e que por consequencia se puzessem no olho da rua.

Resta-nos pedir desculpa aos illustres poetas pela indiscreção da nossa memoria, que, ainda para mais, nos poderá ter atraído num ou noutro verso; certissimos como estamos de que esta brincadeira em nada desmerece o conceito em que são tidos os seus nomes.

S. R.

Não mintaes nunca a uma pessoa porque sereis obrigado a dizer a verdade a uma outra e v'reis um dia essas duas pessoas se encontrarem.

C. CHINCHOLLES.

CORACÃO TRISTE

"—Dizem que tenho a face desbotada
Pelo rigor do inverno aspero e frio;
E que minh'alma, out'ora allucinada,
Não sente agora os gosos que sentio.

Seja: que importa a mim que o vento leve
Estes desfeitos sonhos esplendentes,
Se o mesmo peuso: vai cumprir-se em breve
O que julgamos as linguas maldizentes?

Se, quando sinto o coração ardente,
Volvo em busca do olhar que me resiste,
Logo esse olhar me foge de repente,
E se me fita, fita-me tão triste!

Velha?!.. Cubram-me as sombras da saudade!...
Pois quando olhar-me a dama que se abraza,
Para sorrir cousinto que, á vontade,
Tape os olhos com o leque aberto em aza.

As minhas tranças, vêde, são de arminho,
E o espelho de ouro, o meu fiel amigo,
Quando me pinta o labio sem carinho
Já não traduz aquelle brilho antigo.

Pois o que é certo, é que, agitada e rindo,
Gosando ha pouco a sombra do Jardim,
O meu rosto nas agnas traduzindo,
O proprio lago quiz zombar de mim.

Mas, pondo a mão tremente, que vacilla,
Sobre o meu peito desolado e mudo,
Sinto que para o bem e o mal rutila
Uma geral compensação em tudo.

O ceu azul que fito, ha quantos annos
Fuige este ceu e o sol que d'elle pende? !
Bem como os tristes corações humanos
Deve ser velho o ceu e o sol que explende

Chamem-me velha embora, no meu peito
Resta ajuda um clarão de mocidade;
Talvez que um dia um sol nelle desfulto
Possa augmentar-lhe a branda claridade.

E, ah! que importa afinal que o meu cabelo
Mostre o rigor dos annos agoureiros,
Se o proprio lago cobre-se de gelo,
E cobrem-se de neve os pe agoureiros!..."

LUIZ ROSA.

(Do "LOTUS")

GAZETILHA LITTERARIA

Fol com vivo prazer que recebemos a visita de Gastão Bousquet, o distincto poeta e jornalista, bem conhecido e, ha algum tempo, afastado das lides litterarias.

Além da amabilidade da visita, teve a de nos offerecer um quadro de seu livro inedito—SANGUE! que hoje publicamos.

E' uma pagina profundamente humana.

Para o primeiro concurso de poesia recebenos mais quatro trabalhos com as seguintes legendas: LAURO DE SIMAS, ALEA JACTA EST, PORQUE NAO? e TODOS CANTAM SUA TERRA; e para o de prosa mais um com o proverbio DE VAGAR SE VAE AO LONGE.

Chamamos a attenção dos senhores que tencionam concorrer para o que publicamos acerca dos nossos concursos em outro logar da folha.

Publicaremos os premios no seguinte numero.

CARTAS Á MINHA IRMÃ

V

9 de Janeiro.

Sabbado, dia de S. Julião do anno de Christo de mil oitocentos e setenta e cinco, no seio progressivo d'esta cidade de S. Paulo, nascia o teu irmão que te vem cançando já ha quatro missivas, agarrado a uma pobre penna que se vae opiando de originalidade, uma originalidade falsa, procurada á força nas transparencias do sonho japonéz em que eu vivo, sonho feito da inscurecível saudade tua, que preencheu o pedaço vasio do meu coração, que levaste para a patria do sol.

O dia está claro como o astro japonéz e o bom do astro parece-me uma mina de ouro que se não esgota. Na minha alma levantam-se, deliciosamente, as memorias que tenho de ti, dos annos passados da infancia, de quando usavamos roupas curtas e que tinhamos arufos.

Tu eras mais velha, porém tão pouco que por mais que quizeses não te achava razão de me ralhares quando eu travesseava, e eis porque me arrufava comtigo, queria quebrar tuas bonecas, e lá vinha o papae prender-me, sentando-me numa cadeira durante um seculo, o que me não impedia de, quando elle virava o seu rosto em que o sorriso queria rir, fazer-te caretas e dar de hombros, como se aquillo me não fizesse mozza, quando no imo eu arrenegava de não poder ir comer uvaías no terreiro ou torcer o pescoço da tua mais linda boneca. . . Tu, séria como uma menina bonita, batias com os dedos nas teclas do piano, e, se acertavas em alguma toada de lundú, fugia-me toda a zanga e eu ficava p'ra alli encantado, com o riso a vôr-me nos labios, olhando de esguelha para o papae, e com admiração, ao vê-lo ler attentamente o jornal da "Côrte" que vinha com as historias de ministerios. De vez em quando elle me olhava e eu, num apice, dava á cara uma feição chorona, emquanto o lundú da mana se ia quebrando nas teclas do piano. Afinal o papae me soltava, eu levantava-me com uma cara feia, mas tu, minha Nênhê de outrora, punhas-me de fóra a lingua, tão adoravelmente que eu desatava a rir. . .

Depois, cresceste, tornaste-te bella, e veio o namorado e roubou-te á minha affeição, e quando te casaste senti uma vaga saudade dos nossos tempos de criança crepiar-me o coração, e assim que o padre, todo rico em suas vestes de ouro, benzeu a tua união, julguei que a aza leve de uma lagrima vinha esvoaçar nos meus olhos. Mas, vendo a formosa alegria de que te alegraste quando, finda a cerimonia amorosa, tuas amigas te cobriram de folhas de rosas, eu senti que apenas fóra sonhada aquella lagrima, e subiu-me da alma um diluvio de alegria, que cheirava bem como as folhas de rosa que se iam demorando nos teus cabellos e no teu vestido branco de nupcias. . .

E finda a tradicional lua de mel, e quando alegre nascia o bom sol da grande vida, partiste, carregada pelo mar, a ver outras terras, terras longinhas de japonezes, o oriente amarellado do nascer do sol e da pelle pallida dos seus filhos. Partiste, e, ao se sumirem além os mastros do navio que te conduzia, eu, com toda a minha crença de sentimentat, com toda a ingenuidade de irmão mais moço, pedi ao oceano que te levasse bem docemente, pois que tu eras minha irmã, e, chorando de saudades sobre o mar, as minhas lagrimas formaram uma onda, a qual é certamente a que te vae levando com tanto amor e com tanta brandura por esses mares levantinos de nomes estranhos, onde não chega a brisa suave das palmeiras do Brasil e o canto melancolico da jurity.

E eu, sonhando que estou contigo, sonhando que te acompanho como te acompanha o meu coração, vou embriagando de originalidade a minha penna, e ella, opiada, pensando em galantes raparigas japonezas e julgando-se ser de um elegante moço de Tokio, de grandes olhos rasgados, vae correndo pelo papel, saltitante como uma esguia senhora de Yokohama que se vae jubilosamente retratar em um quadrado de seda, para o que o senhor seu noivo lhe collocou nos dedos gentis, perfumados a junquillo, a pequenina moeda, que se dá de tença ao artista.

Mas, olho sagaz de um velho e sabio mandarim que, requebrando-se, vae nas aguas da senhora, esguia qual um bambú, para sussurrar-lhe nos tubos auriculares uma audaciosa declaração de amor, offercendo a sua arruinada e infima choupana á mais linda dama do mundo inteiro, na linguagem de mandarim experimentado—de repente se fecha com malicia, torna a abrir-se perscrutador, de novo se fecha em piscadellas entendidas, e o seu dono, dando meia volta ao salto raso do bello sapatão bordado, lá se vae a rir, pois descobrio que a esguia senhora saltitante nada mais é que uma estrangeira falsificada em japoneza, para se regalar com os olhares lambareiros dos mandarins gorduchos.

E' o que acontecerá a estas cartas quando as lerem os graves homens de letras do Japão; hão de rir-se gostosamente como homens de espirito, e pespegando um piparote no meu nome que não tem a suprema elegancia de ser, japonezamente, engraçado, dirão:

—Ora veja, collega Yu, o novo Nifon que o americano descobrio.

E o mandarim Yu, segurando com as mãos a veneranda pansa:

—E' d'arromba.

JOSE' VICENTE SOBRINHO.

Anno XX. S. Paulo.

VERÃO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Gloriosamente cálida irradia
A fuiva luz do sol pelas campinas.
Em melodiosa e flébil symphonia,
Aves e fontes vibram, crystallinas. . .

Contemplando os verdores das colinas,
Minh'alma scismadora se extasia:
—Pois lembram-me as miragens repentinas
Que no Sahára apparecem todo o dia. . .

Num festivo clangor de mil fanfarras,
O canto estriduiante das cigarras
Val echoando, a zunir, de serra em serra. . .

A' beira dos caminhos, estendidos,
Os lagartos estão adormecidos. . .
E o sol num manto jaide envolve a terra. . .

M. B. CEPellos.

S. Paulo—Janeiro—94.

THEATROS

PUMI

Foi representada na noite de terça-feira no Apollo esta peça de Arthur Azevedo e Eduardo Garrido, a que os autores chamaram opereta e é quasi revista.

A peça tem um defeito capital:—um acto de mais. O terceiro acto, que é tambem o ultimo, é uma verdadeira excrescencia. O fragil enredo acaba perfeitamente no segundo com o escandalo enorme dado pelo Sr. Joaquim, encontrado numa estribaria em "tête-à-tête" com a Monica. E' claro que depois d'isto Lainha (que dlabo de nome!) não poderá mais desposar-o; e se os autores fizessem intervir alli, naquella occasião, o Mello, afugentado tambem pelo bombardeio, ficaria logo resolvido o casamento della com o Cazuza. Não fizeram isso e o resultado foi darem-nos esse terceiro acto sem graça nem interesse, que destróe pensosamente a impressão agradabilissima (como diria o Mellissimo) deixada pelos anteriores.

Estes são dois actos chelos, magníficos, animados de uma veia comica abundante e da melhor agua.

A peça é tudo o que ha de mais simples. Um portuguez taverneiro faz olho terno a uma mulata "faisca," mucama da casa de "seu" Anacleto, continuo de secretaria e pae de Lainha, uma menina interessante, já perdida de amores pelo Cazuza. Mas os paes, percebendo o partidão que era o "seu" Joaquim, ageitam as cousas de modo a que este se resolva a casar com ella.

Na vespera do dia determinado, á meia noite, Lainha, em companhia da Monica, dá entrada no quintal da casa ao Cazuza, que lhe pedira aquella conferencia, justificada pela gravidade das circumstancias. Nella se resolve que Cazuza impedirá o casamento, celebrando elle o civil, disfarçado em pretor, e afastando o padre para não effectuar o religioso.

A primeira parte do programma é cumprida á risco. A segunda ia falhar por não ter surtido effeito o estratagemata empregado para afastar o padre; mas, como ha uma Providencia para os namorados, ella interveiu a favor d'estes, sob a forma odiosa do bombardeio.

Foi isso a 13 de setembro. Noivos, paes, padrinhos, convidados, todos, em summa, fogem assustados, espavoridos, e vão dar na casa de um tal Bibiano, na Tijuca, que a vê invadida por uma horda enorme e irrefreavel.

Disfarçado em mendigo, Cazuza também apparece para espreitar o que se passa e impedir o casamento.

Assiste ao derriço do vendeiro com a mulata, vê-os irem arrulhar na estrebaria, avisa o velho Anacleto e rebenta o escandalo, que torna impossivel o casamento. Mas o velho também não quer que a filha despose o farcista de Cazuza, que o embrulhara com a comedia do casamento civil. Mas apparece o Mello, antigo companheiro de troças e rapasadas de Anacleto e Barbalho e pae de Cazuza, e o turrão do Anacleto cede, dá a mão da filha ao rapaz e a da mulata ao "seu" Joaquim. É só.

Essa insignificante acção é habilmente bordada de episodios comicos impagáveis. Todos os typos são tomados do real com uma verdade flagrante. A comear pelo seu Joaquim. É uma photographia. Depois, a mulata, typo perfeito da mucama faceira e dengosa, que fica "mordida" pelo vendeiro o qual, apalxonado apreciador da fructa essencialmente brasileira e amator de café com leite. (E sem leite também vae—diz o da peça) vê na união com a mulata uma fonte de economias soberba. Anacleto, o continuo, Barbalho, o musico, sua mulher Gilda, italiana, ex-cantora, que se pretende amiga das maiores celebridades musicaes, o commendador, atacadista, que se presta a servir de padrinho de casamento a um simples varejista para não parecer orgulhoso, o sachristão, são typos apanhados com grande felicidade na vida fluminense.

Essa verdade tão bem observada nos personagens, não se encontra, porém, em muitos episodios e scenas da peça.

Começa por não ter nenhum dos quadros, com excepção dos dois ultimos, que se passam na Tijuca, local determinado, não podendo o espectador preclisar, nem mesmo pelos scenarios, que são vagos e mais europeos que nossos, se aquillo é Santa Thereza, Castello, Praia, etc.

Tambem não é verdadeira aquella vida em commum, do vendeiro com o sachristão, a quitandeira e os vlsinhos. Já foi. Hoje, felizmente ou infelizmente, aquellas scenas singelas e ingenuas de vida de bairro pobre já se não observam.

Uma inverosimilhança grande e palpavel é não possuir o "seu" Joaquim senão um paletó e esse de palha de seda.

Não ha vendeiro nas condições d'aquelle que não tenha uma sobrecasaca preta para assistir ás sessões da Maçonaria. Também não era natural que elle, morando a dois passos da igreja e a noiva também, mandasse fazer casa para o casorio. Outras inverosimilhanças notadas devem ser levadas á conta do pouco cuidado dos artistas.

O Sr. Colás, por exemplo, provou não ter visto nunca—um pretor e um mendigo brasileiros; por isso fez d'aquelle um conspirador da Augot e impingiu o mendigo do Boccacio—de barbaças, sombrero, capa remendada de grandes quadros de todas as cores. Essas duas cincas artisticas, imperdoaveis num actor feito, como é o Sr. Colás, prejudicam enormemente a naturalidade da peça.

Falemos do desempenho. Peixoto fez uma creação do papel do taverneiro Joaquim. Não temos um senão a notar-lhe.

Depois de Peixoto, cabem as honras da noite a Gabriella Montani, actriz

muito intelligente e que, bem aproveitada, muito daria de si. Fez o papel da mulata tão a primor, com tanta verdade em tudo—nas inflexões, na caracterisação, no vestuario, nos gestos, que a gente comprehende facilmente o "rabicho" doido do taverneiro e chega a invejar-o!

Rosa Villiot deo-nos uma graciosissima Lainha e cantou bem todos os seus numeros, especialmente o que começa: "Papae! Mamãe! Seu Joaquim."

Bahia, Clelia, Aliverti, Zeferino, Araujo deram perfeito desempenho aos seus respectivos papeis. Nunes, Mathilde, Fernando Maia (que tem o veso prejudicial de imitar Augusto Rosa) Leonardo e Raposo concorreram effizamente para a harmonia do conjuncto.

Fará carreira o PUM? Merece fazela. Mas talvez assim não aconteça, porque a musica é mal escolhida, um tanto monótona, o terceiro acto não tem interesse e a peça só devia ser representada depois de acabada esta interminavel e estopantissima revolta.

P. TALMA.

EMMA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Quando Emma despedio-se, foi chorando!... Mas seus olhos sómente é que o mostravam! — Pois, seus labios, sorrindo, contestavam O que os olhos estavam confessando.

— Fui seguindo-a com a vista; porém, quando No longe o trem sumiu-se, vi, voavam Duas aves no céu; e se encontravam, E o vento rijo as ia separando.

Assim, de nosso amor as aves, soltas, — Desencontradas,—vão para o impossivel D'ausencia, percorrendo longas voltas!

— Oh! quando voltarás? — o indissolvel Poema de teus olhos diz que voltas... — Mas teus labios diziam — "é possivel!"

Circ...

Factos e Noticias

Com o titulo DIARIO DA TARDE appareceu mais um jornal, dirigido pelo Sr. Aristoteles de Souza. Pelos primeiros numeros publicados podemos affiançar que o DIARIO vai longe, se o publico d'esta cidade prestar-lhe o seu auxilio, que merece. Pela parte que nos toca desejamos longa vida ao collega.

Realizou-se no sabbado ultimo nos vastos salões dos Democraticos, o esplendido baile em commemoração do 27º anniversario d'aquella sociedade. A festa esteve acima do que se pôde imaginar. Desde muito cedo começou a encher-se o Castello e á meia-noite em ponto já se tornava difficil a entrada no edificio, convertido em um segundo paraíso terreal, repleto de graciosas Evas e cavalheiros distinctos e correctos. A impressão que trouxemos da excellente festa foi a melhor possivel e não podemos deixar de agradecer a maneira affavel e attenciosa porque fomos tratados pela directoria em geral e pelo amavel Socrates em particular.

Hoje ha novo baile, que será digno emulo do ultimo.

Em beneficio do ex-redactor do HERALDO ESPAÑOL, SR. Fernando Gonzalez, realisa-se brevemente, no theatro Recreio, um esplendido espectáculo.

O organizador da festa é o distincto actor Dias Braga, que se encarregou

ainda de preparar o programma, que a julgar pelo seu fino gosto vai attrahir muitos e muitos espectadores áquella casa de espectaculos.

Está em S. Paulo o nosso distincto collaborador Dr. Neves Armond, sub-director do Museu Nacional que para alli partiu em excursão botânica.

COLLABORAÇÃO

QUADRO INTIMO

A medo encaminhei-me ao bito Immaculado Onde dormia um anjo envolto em branco linho Quasi sem lhe tocar a roupa, eu de mansinho Beijei-lhe a face casta e o labio assestado....

Quão bello é ver dormir sorrindo descaudado Um ente pequenino e louro em desalinho, Volar a candidez que orna-lhe o corpinho De antemão preservando um negro e duro fado...

Seu nome murmurar; um beijo será paga Dos lablos de coral, mimosos como a vaga Osculando submissa a petola formosa...

Um bem estar enorme ao peito se me achega Se qual um lyrio á haste, e anjo se conchega E colla junto á minha a face côr de rosa.

IGNEZ SABINO.

RECADOS E RESPOSTAS

— SR. JONAS OLYNTHO (Campanha, Minas)—Respondemos:

1. "Fanny" (e não "Fany") é a abreviatura ou antes o diminutivo do nome proprio "Fan," de "Frances" (Francisca). Podemos traduzir "Fanny" pelos diminutivos portuguezes "Chiquinha," "Chiquita etc."

2. Os nomes geographicos e historicos não tem pronuncia em nossa lingua. Em geral, pronunciamos á maneira latina: "Occeaia," "Algéria" etc. A tendencia contemporanea é conservar aos nomes geographicos a sua orthographia e prosodia de origem; já não é costume dizer-se "Bordeus," "Cantuarria," mas sim Bordeaux, Kanterbury. Por outra parte, damos aos nomes geographicos, mórmente das linguas slavas e germanicas, a transcripção franceza, e é por isso que escrevemos: "Londres," "Munich," "Anvers," "Varsovia" (London, München, Antwerp etc.)

No tempo de Manuel Bernardes e no de Vieira dizia-se—"os Esquicardos,"—e depois passámos a dizer, á maneira franceza,—"os Suissos."—Não damos, pois, nenhuma regra; mas os factos formulam-se assim: "aportuguezamos os nomes geographicos das linguas mais proximas á portugueza" (hespanhol—"Saragoça, Corunha;" italiano—"Florença, Milão") e mais ou menos, "afrancezamos o resto." Não é raro ver-se escripto e pronunciado "Esquimau" em vez de "Esquimó," igualmente "Sou-Tchéou" em vez de "Sú-tchéu" etc. Tudo isso prova que não temos ainda uma prosodia fixa dos nomes geographicos.

Quanto aos "nomes de pessoa," o uso é menos anarchico. Apontaremos as prosodias erradas, "Cyriáco," e "Satyro," de uso no Brazil. Todos os nomes gregos em "es" são exdruxulos; deve-se pois pronunciar "Aristóteles," "Pérlcles," "Diógenes," "Alcibíades," "Térmistocles," "Démocles," "Agátocles," "Saphocles" (1) Os nomes semiticos em

(1) D'esta regra exceptuam-se naturalmente os nomes em "edes" que são graves: "Diomedes, Archimedes" etc. São exdruxulos os nomes em "idas": Leónidas, Bráidas.

“bal” ou “boal,” em regra, devem ser agudos: “Annibál, Asdrubál, Adherbál;” entretanto nesses nomes o uso popular é excessivamente incerto e ha quem leia: “A’nnibal, Annibal” (é o mais commum entre nós) e “Annibál.” Outros erros derivam da ignorancia das linguas originaes; é claro que “Darwin, Washington” só podem ser pronunciados á ingleza; “Wirchow, Meyerbeer, Beethoven,” á alleman. Deve-se ler “Bolivar” e não “Bolívár.” O nome russo “Fedora” que no nosso theatro ficou com a pronuncia “Fédora,” preferível á prosodia franceza “Fedora,” ou á prosodia exacta “Fédora” (“Fédór” e “Fédóra” são os nomes russos correspondentes a “Theodoro” e “Theodora.”)

3. Ha diversos tratados. Citaremos o de Aarão Reis, em portuguez, e o de F. I. C. em francez, que se encontram com facilidade em nossas livrarias.

—SR. OCTAVIO PIRES (Pará) —Muito gratos pela sua gentileza. Sentimos não nos poder enviar tambem o primeiro volume da excellente revista de que é V. S. director. Aqui ficamos ás suas ordens.

—SR. C. D. (S. Paulo) —Recebido o novo capitulo do seu romance, que publicaremos na primeira oportunidade. Esperamos que acudirá tambem ao nosso concurso de prosa.

—SR. S. V. J. (S. Paulo) —Recebido. A sua 5ª é publicada neste numero. Porque não manda o seu TOUREIRO para o concurso? Excede de 400 linhas de tira de almaço? Se não excede, está nas condições. Contamos que, com esse ou com outro, será dos concorrentes.

Faz muito bem em ler a série dos ROUGON-MACQUART pela ordem da publicação dos volumes que a compõem. E’ o melhor meio, ou antes o unico, de formar juizo seguro e completo sobre o conjunto d’essa estupenda obra. Preferir Loti a Zola! Mas o amigo está caçoando! Com essas cousas não se brinca...

Desculpa responder-lhe aqui e ás pressas?

—SR. S. DE A. (S. Paulo) —Já tinhamos entregado ao Dr. A. J. um exemplar de seu bonito livro.

—SR. DR. A. P. (Ribeirão Preto) —A’ gentil Odilla o director e redactores d’A SEMANA, que tanto estimam o seu papae, desejam todas as venturas. Que a vida lhe seja sempre um estendal de rosas.

O. SABETUDO.

CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d’A SEMANA, irarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligível.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda corres-

pondente ao manuscrito, a declaração: “Prosa” ou “Poesia”, e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a forma da obra.

O mesmo autor póde concorrer a ambos os torneos, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só póde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que fór—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente emoldura, dos, etc.

A DIRECÇÃO.

CORREIO

SR. A. RAYARD—Sua PAIZAGEM é muito imperfeita. Tem cada aleijão! Veja lá se V. S. mesmo não se horripilla com este verso: “Ouve-se suaves cantares.” Errado como grammatica e como metrificacão. O que eu não como são os seus versos, tenha paciencia. O meu collega X. que está ao meu lado, diz que a sua PAIZAGEM é quando muito de bananeiras murchas, das que já deram cacho. Em todo caso, agradecimentos pela dedicatória. A intenção foi boa, foi, mas os versos!...

—SR. A. P.—A sua BONECA DOENTE deve morrer. Pobresinha: é de trapo! Sempre é bom, no emtanto, consultar o pallido mas profundo Dr. F. de A. de Ouro Preto. Elle é medico especialista de borracheirites.

—SR. OURO PRETANO—Diz o senhor que

O amor que desabrocha é luz que nasce
E banha as serras de clarões brilhantes
e mais que é “flor doirada” e “voz que canta na florida selva”...

Não será tambem uma velharia muito mofada que serve para os poetastros nos moerem a paciencia? Desconfio que sim. E o senhor tambem não desconfia?

Ora deixe lá o amor arranjar a sua vida... E não se zangue commigo, sim? Seus versos estão correctos—o que já é alguma cousa.

—SR. F. G. (Palmares)—A sua TUA CARTA é um máo soneto e uma ruim carta. E’ melhor não mandal-a á destinatária... pela imprensa. Dos quatorze versos quatro são errados, outros quatro frouxos, tres pernetas e tres zarolhos. Mas os restantes são bons.

SR. M. V. DA F. (Falcão)—Corri os olhos pela sua poesia, REVELAÇÕES e achei que ella é obra para ser guardada

e não para ser publicada. Ah! se a plilhasse um amator de antiguidades, d’esses que andam atraz da boceta de D. João Sexto por exemplo! que festa que elle faria! Que ella é bem do tempo do Onça, o Sr. não pode negar. Vejam só isto:

“Já se contam quinze dias
E não vejo a luz do sol!
Nuvens negras e sombrias
São o diúrno pharol!
Essa massa, polvoreta...”

Polvoreta, gostei! Não passemos, porém, da massa, que pode ser perigoso!

SR. HOUBIGANT.—Tudo lhe poderia perdoar, menos o errar-me o nome. Chamar-me—Eurico—é apenas um cumulo! Eu rico! Rico eu, que nunca pude Henrique ser!... Não lhe perdão esta ironia, tenha paciencia.

Pede-nos V. S. que reproduzamos nesta secção as poesias de Valentim Magalhães que tem por titulos: “Visita a um tumulo” e “Liberdade.”

Este pedido seria satisfeito sem demora, se não fosse prova de immodestia a transcripção de poesias do director da folha, aliás bem conhecidas.

SR. SYLVIO DE OLIVEIRA.—Não é uma obra prima o seu PAPAGAIO, não é dos louros o mais palrador, talvez; não obstante dá satisfatoriamente o seu recado, e se o não dá melhor é por ser apenas um papagaio de papel. Tenha, pois, fé que elle virá a lume, embora não seja verde—a côr que symbolisa a esperanca. No meu conceito elle empina regularmente; não afaço, porém, que suba do mesmo modo no conceito publico.

Algum leitor gaiato será bem capaz de dizer ao seu conto: “Papagaio, dá cá o pé.”

Em todo o caso deixe passar a chacota, certo de que eu, que tenho para elle reservada a gaiola da COLLABORAÇÃO, hei de gritar-lhe, para animal-o:

“Papagaio real, quem possa, meu louro? E’ o leitor que vem-te ás phrases? Toca trombeta e caixa.”

SR. TASSO.—Comquanto o Sr. não seja positivamente tão inspirado como o seu homonymo, de saudosa memoria, não será isto rasão para recusar um lugar nesta folha ao seu soneto “Crepe.”

Demais a mais é um crepe que não cobre de lucto as Musas; portanto, longe de leval-o ao cemiterio, conduzil-emos á COLLABORAÇÃO.

Não paga ad menos uma “Pá” gelada?

SR. SILVA SOUZA.—Não lhe sei dizer se Violetina, que collabora nos “Tratos á bola,” é a mesma “Violeta” da extincta CAPITAL, folha vespertina do Dr. Gonzaga filho, com quem, diz V. S., suppondo-a uma senhora, “ter entretido o mais interessante commercio de letras sem cotação nas praças mundanas.” O que lhe posso, porém, asseverar é que a referida Violeta, com quem V. S. rasgou sedas e rendas, era o proprio Dr. Gonzaga Filho, com quem V. S. só devia ter rasgado casimiras e diagonaes. Isto acontece a muito menino bonito. Quem é que se não engana? O Sr. só: “Minha Sra. V. Exa.” E’ boa.—Passemos porém a outro polo.

O seu PRESO vae ter liberdade. Sim, a sua poesia que tem aquelle titulo, vae sahir do carcere da nossa gaveta, para as avenidas das nossas columnas.

SR. AUGUSTO S.—Só tenho louvores para o seu soneto, se é V. S., de facto, um estreante, como diz ser na sua amavel carta. Dal-emos muito breve.

SR. A. F. DE OLINDA.—O Sr. está calumniando aquella cidade. Da Cova da

Onça, do Pau da Fome ou do Quebra — Cangalhas é que o Sr. me parece ser. Terra que tal poeta possui, pode gabar-se de que está bem livre de uma penhora!

O Sr. não aguenta tempo!... Basta dizer que a sua poesia termina assim:

"O canto fervil de colica andorinha." E ainda se anima a dizer-me: "Sei que nasci para ser poeta (leia-se pateta) e jamais servirei para outra cousa." O parenthesis é meu.

Não seja tão modesto! Serve para muito mais. Olhe, pelo menos, para mastigar marmellada... para os doentes dos hospitaes.

SR. C. R.—Os seus versos me agradaram. Tanto que vou dal-os mesmo aqui, pois que, afinal, esta secção sempre merece ser lá de quando em vez perfumada com umas petalas poeticasas:

HONTEM E HOJE.

I

Acaso não sel se viste,
Quando por ti eu passava...
Estavas pallida e triste,
O quanto alegre eu estava.

II

Por mim tu hoje passaste,
Teu rosto de mais sorria,
No entanto, flôr, (que contraste!)
Eu, como nunca, soffria...

Ouro Preto, 93.

C. R.

Muito bem, muito! (Não ouve de lá as minhas palmas?) Se quiser mandar cousa de mais vulto, cá estamos para publical-a.

SR. CANTIVAL DE CAJESO.—(Vejam que calamidade de nome!) Pois o Sr. para voar lá no seu Parnameirim, precisava me pedir licença, moço? Pode voar sem cerimonia. Depois pede-me que lhe não corte as azas!

Gentes! tão malvado não sou eu. Penalizam-me tanto os filhotes de pombos que, ao comel-os com batatas, o pranto escorre-me pelas barbas abaixo!

Não sou capaz de lhe atirar sequer uma bodecada, ainda que o Sr. commetta crimes orthographicos como o de escrever: "Luciôla," e "Pyseudonimo." (Livra!)

Apenas dou-lhe um conselho; o de entrar para uma escola de primeiras letras. Pode entrar, sem receio que de ha muito está abolida a Santa Luzia, a tal dos cinco olhos.

SR. A. G. DA C. L.—Sim, Sr. Cá fiquei sabendo que é V. S. professor de Rhetorica e Philosophia, autorizado pelo conselho de Instrucção Publica do Vatapá, quero dizer, da Bahia. (Onde estou eu mettido!) E igualmente cá estou saboreando o seu "somneto," de que passo a transcrever parte

"Um dia ella appareceu pallida e bella
Mostrando um leve arfar noseio virgem:
Dir-se-hia prostrada ao peso da verti-
gem,
D'esse amor cujo dorso se encapella!"

Ah! cada vez mais na tremula donzella
Se alargava de amor..."

Pois que se alargue, que eu por aqui fico.

Não, meu caro Sr., tenha paciencia; isto nunca foi rhetorica da Bahia. Póde ser, quando muito, da baia, mas da Bahia, nunca!

Tambem não acredito no titulo do "somneto": RUINAS D'ALMA. Não, senhor: ruinas da grammatica, da metrica e do senso commum é o que aquillo é.

E ainda o Sr. nos ameaça com um poemeto de 150 estrophes!

150 estrophes, a 10 asneiras por estrophe, somma em 1.500 asneiras, S. E ou O.

Nada, meu amigo, não temos lugar em que possa caber toda esta bicharia! Agente-se com a bucha!...

SR. VALDOMIRO SILVEIRA. (S. Paulo) —Vae ter um alegrão o amigulho a quem por minha infelicidade nunca vi mais gordo. Vae ter um alegrão, seu felizão. Sua carta, lida com attenção pelo patrão despertou-lhe interesse pelo seu conto. Leu-o; gostou que se regalou (e olhe que elle não tem o paladar facil); chamou-me e disse: "Oh! Enrico, dize ao Valdomiro Silveira que o conto d'elle intitulado VINÓ é obra de quem tem "quelque chose lá," na cabeça, a prometter bellas cousas, e que no proximo numero será publicado na secção Os QUE SURGEM, reservada para os taes que têm a tal "quelque chose."

E' o que faço, dando-lhe os parabens e perguntando-lhe porque é que sómente agora nos deu o ar de sua graça.

EXMA. SRA. D. C.—Enganei-me: é rua Santo Antonio e não Paraná; o numero é o mesmo que lhe indiquei. Quando nos escreve novamente?

ENRICO.

Tratos á bola

Sahe cinza e poeira!

(PROV. DE SALOMÃO)

Tratologos

Após deitar-vos a minha benção costumelra e cheirar a minha pitadinha do saboroso cangica (vicio este de que não pude ainda libertar a venta peccadora e inclinada aos cheiros profanos), vou embrenhar-me um pouco,—cilicios e rosarios de orações postos á banda por alguns momentos,—vou embrenhar-me pois, no mattagal dos embroglios.

Que me perdoem as onze mil virgens, de que tão devoto sou, se as esqueço durante segundos, pelos filhos do peccado, habitantes d'esta charneca de vicios.

E feito este ligeiro acto de verdadeira contricção, passo ás tratices.

O primeiro decifrador das ultimas e que teve jus ao premio, foi "D. Joanninha B."

Seguiram-se-lhe "Angelina A.," "Pi," "Lilazia," Falstaffino," "Bigode de Arame," "K. C. T. A. Dor," "Tope-tudo.

As decifrações, eil-as: 1.^a—Pyrl-lampos; 2.^a—Amendoa; 3.^a—Xuxú; 4.^a—Pejo; 5.^a—Paranápiacaba; 6.^a—Hersilia; 7.^a—Maleita; 8.^a—Itaborahy; 9.^a—Caçarola; 10.^a—Gazeta; 11.^a—e ultima (indicifavel!) Espelho.

Para hoje temos:

NOVISSIMAS

Exlstit rancor é tardio.—1, 3.
O tecedo da Inglaterra é parente que explode.—1, 1, 2.

URUBU MALANDRO & ZAPA-QUEIJO.

Nove horas no relógio, cheira?—1, 2.
A maior letra do alphabeto é o final.—1, 1.

PAULISTA MONTEIRO.

CHARADA EM TERNO DUPLO (A FREI ANTONIO)

Bella fructa é encontrada
Mesmo logo na terceira;
Pelo exercito bem formada
Verás tambem a primeira;

Na segunda, procurando,
Numa casa pelo chão;
Acharás verbo na quarta
Para formar a questão.

Na quinta, bem pode ver
A rezar o bom christião;
Onde eu tambem, religioso,
Venho fazer oração.

THIANOR.

ENIGMA
(AOS COLLEGAS)
500
0550

VIOLETINA

PROBLEMA

Tirar d'este quadro, composto de 40 pequenas linhas, 16 d'entre ellas, de modo a formar 3 quadros perfectos entrelaçados.

JUCA BENEDICTIA.

LOGOGRYPHO

Do tempo faz a divisão—5, 2, 4.
No papel grava nossa idéa—1, 2, 7, 8, 4.
Assim alegres como estão—3, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10.
Não pode ser; é cousa feia.

CONCRETO

A Historia recolheu
O seu nome immortai,
Porque quasi nos deu
Regimen actual.
Terra que o vio surgir
Seu nome immortalisa
Ezendo-lhe erigir
Cousa que o symbolisa

NHÓ ZECA RÔXO.

Agora chegou a vez de Doniques:

ANTIGA

Esta moça gentil, que por trajo—2
Tinha um panno grosseiro, coitada!—2.
Eu a vi na garupa de um gajo—1.
Que é um bicho que dá ferroada!

NOVISSIMA

1, 1, 1.—Tiri-ninho! teré-nenê!—Rato na casaca e no chapéu. Pum!

Ao primeiro decifrador exacto, um premio esgaravatiumpyquirionisante! A elle, pois, tratistas!

E por hoje fecho o cenobio.

FREI ANTONIO.

P. S. Recebi decifrações dos Tratos do n. 24 mandados por "Mafa & Kean," "Nogueira Junior" e "Marla P."

—"Angelina." Grato pelas charadas mandadas. Brevemente sahirão.

—"Araken, o Pagé." Recebi e publicarei algumas. Ha umas tantas que peccam por muito facéis e outras por deffeiituosas. Em todo caso deita-lhe a benção

FREI ANTONIO.

**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
enhoras e crianças, guarda-chuvas, bengálas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DR

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Phisica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n, 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

67 Rua Gonçalves Dias 67

PRIMEIRO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.